

Revolução Pix no Brasil: tudo sobre o método de pagamento que colocou o país na vanguarda da indústria global de pagamentos

Jacqueline Lafloufa

Está com um telefone celular em mãos? Ótimo. Isso é praticamente tudo o que você precisa hoje para fazer um pagamento usando [Pix](#), novo método de pagamento instantâneo que tem sido amplamente adotado no país, especialmente para valores menores e transações cotidianas. O [Pix](#) está hoje no dia a dia de trabalhadores autônomos, como eletricitas ou diaristas, e até mesmo de pequenos negócios, como mercearias ou salões de beleza de bairro, que passaram a adotar o [Pix](#) pela conveniência de não precisar carregar uma maquininha de pagamento e pela potencial isenção de taxas de transação.

O pagamento acontece de maneira muito simples: basta informar a sua chave [Pix](#) — que pode ser um número de telefone, um CPF ou CNPJ, um email ou até um QR Code — e indicar o valor a ser pago. Em questão de segundos, o pagador faz a transferência e o valor é depositado instantaneamente na conta do recebedor.

A beleza do processo é que era exatamente esse tipo de facilidade e inclusão que o [Pix](#) queria oferecer quando foi pensado pelo **Banco Central (BC)** em colaboração com representantes de instituições financeiras e de [pagamentos](#) do [Brasil](#). Uma das premissas básicas do [Pix](#) era ampliar a inclusão financeira no país ao mesmo tempo em que tornava possível transferir recursos de uma conta para a outra em poucos segundos. Surgia então um canal de [pagamentos](#) inédito, capaz de funcionar com facilidade via celulares e permitindo quitar débitos em tempo real, 24 horas por dia, em qualquer dia da semana.

Para oferecer a inclusão almejada, foi estabelecido desde os primórdios que o [Pix](#) seria uma transação gratuita para pessoas físicas e empreendedores individuais, que poderiam enviar e receber valores via [Pix](#) sem pagar por isso. Taxas só poderiam ser cobradas de contas corporativas, com valores negociados diretamente com a prestadora do serviço.

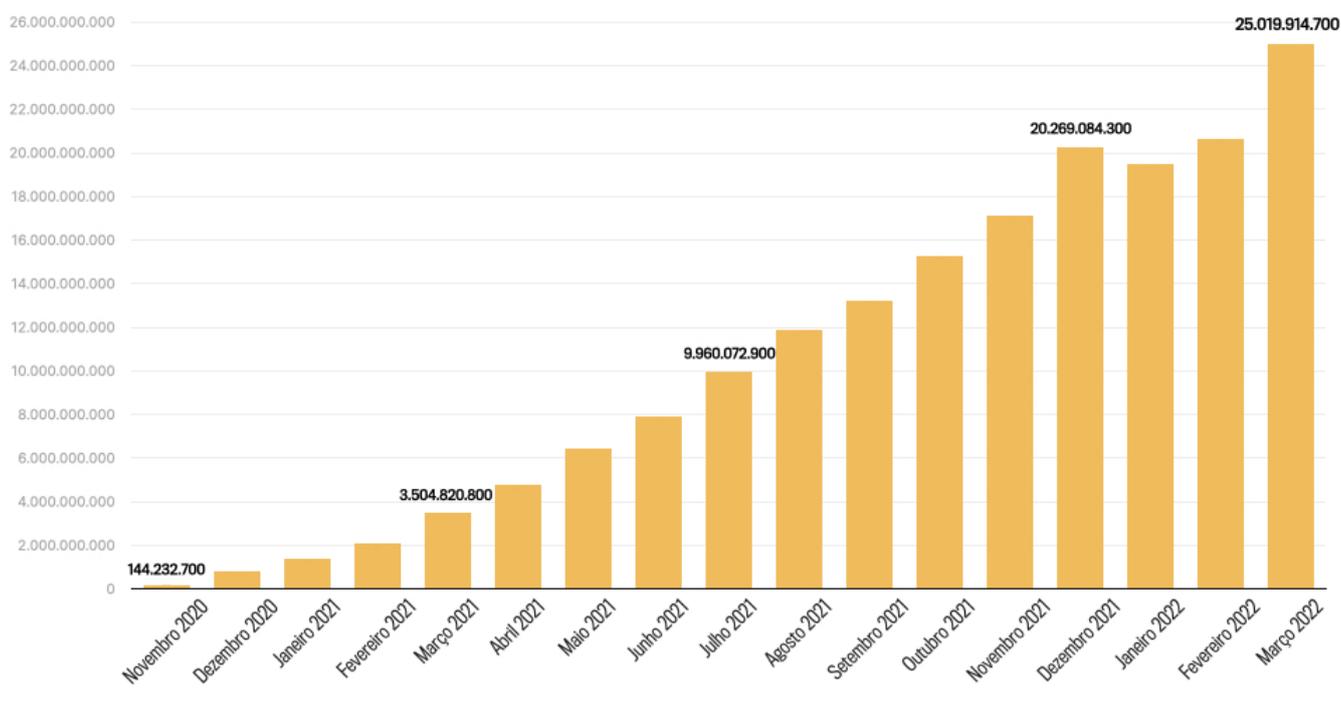
[LEIA TAMBÉM: PIX leva inclusão financeira e digital a outro patamar no Brasil, mostra estudo Beyond Borders](#)

Foi nestes termos que o [Pix](#) chegou ao mercado brasileiro em novembro de 2020, bem no meio de uma pandemia, e rapidamente se tornou um grande sucesso. Em pouco mais de um ano de funcionamento, a maioria (70%) dos brasileiros adultos já fizeram um [Pix](#), segundo o Banco Central. “Seria redutor dizer que a pandemia ‘fez o sucesso’ do [Pix](#), mas certamente ela agiu como um catalisador da adoção”, analisa **João Bragança**, economista e especialista em mercado financeiro na consultoria **Roland Berger**, lembrando do benefício de poder fazer transações

gratuitas, sem sair de casa, em um período de isolamento social.

Os números confirmam a visão de Bragança, e mesmo com o arrefecimento do distanciamento social, o formato de pagamento instantâneo seguiu em forte avanço. Até meados de maio de 2022, o [Pix](#) tinha como carro chefe as transações (gratuitas) entre pessoas físicas, ainda que as estatísticas do BC apontem um crescimento forte do uso do [Pix](#) também em transações entre lojistas e consumidores, indicando um movimento de adaptação dos negócios ao novo formato de pagamento.

Crescimento de 614% nas transações entre pessoas físicas e estabelecimentos comerciais



Fonte: Flourish

Parte da velocidade da adoção do [Pix](#), segundo Bragança, é reflexo de uma comunicação muito bem feita. “Os benefícios do [Pix](#) ficaram muito claros de maneira muito rápida para a maior parte do público”, frisa o consultor. Além da instantaneidade do recebimento e de poder economizar com a ausência de taxas de transações, pequenos empreendedores e profissionais autônomos também puderam reduzir os custos do recebimento via maquininhas ou outros formatos de pagamento. Pode parecer algo pequeno, mas que é visto como revolucionário tanto para os beneficiários diretos quanto para os observadores do [Pix](#) no cenário global.

“A nível internacional, o [Pix](#) está sendo percebido como um marco de transformação para os sistemas de pagamento. O que o Banco Central conseguiu fazer está sendo visto como uma referência não só para os [pagamentos](#) em tempo real, mas para a eventual criação de, em uma segunda ou terceira fase dessa revolução, uma potencial chegada de um Real ou um Euro Digital”,

relata Bragança.

[LEIA TAMBÉM: “Instantâneo” será a palavra de ordem do e-commerce na América Latina na próxima década](#)

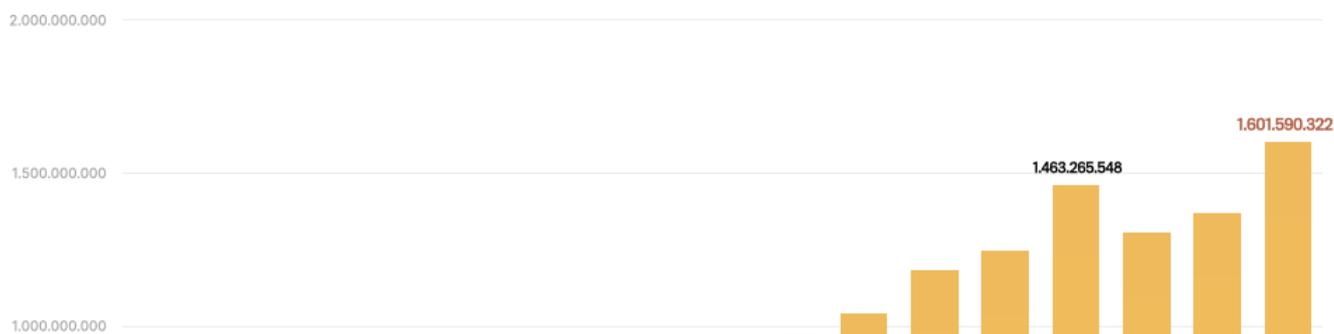
Fato é que a capacidade de revolução do [Pix](#) se apoia em uma importante transformação digital anterior, que popularizou a presença de smartphones no país. Dados da **Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL)**, dão conta da existência de mais de 258 milhões de smartphones nas mãos de brasileiros em março de 2022, uma média de mais de um telefone por pessoa. A alta densidade de celulares no país aliada à presença do [Pix](#) em aplicativos de bancos, fintechs e outros serviços de [pagamentos](#) também explica por que a grande maioria das transações (98%) têm acontecido em dispositivos móveis, representando cerca de 70% do volume transacionado via [Pix](#), de acordo com [dados do Banco Central obtidos pelo EBANX](#).

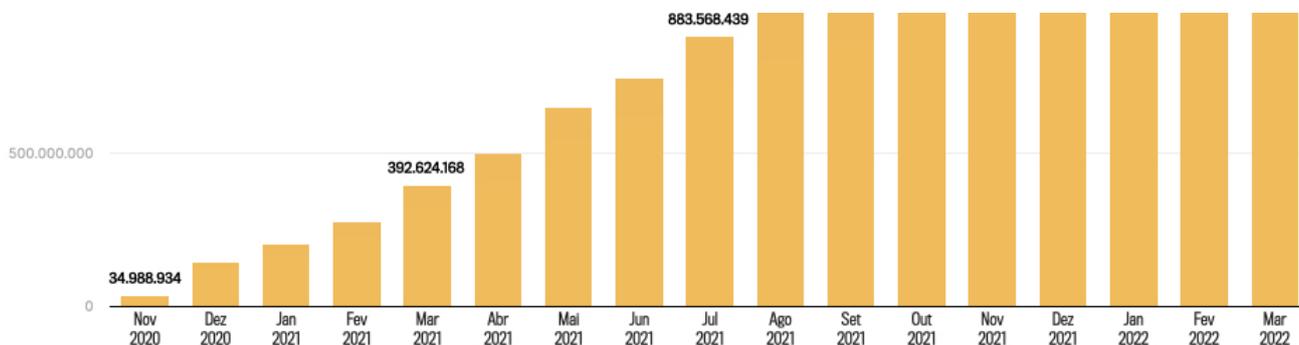
Crescimento impressionante em apenas 18 meses

A rápida adoção do [Pix](#) pela população também fez com que empresas e negócios se movimentassem o quanto antes para de adaptar a demanda pelo novo formato. Para **Willer Marcondes**, sócio e especialista em serviços financeiros na **PwC**, já era esperado que isso acontecesse, porque tanto o uso quanto a oferta de novos formatos de pagamento devem acontecer de maneira conjunta para darem certo. “É um mercado sempre com dois lados: alguém que paga e alguém que recebe. Não adianta querer pagar com um instrumento que não se recebe, e não adianta ter um formato de pagamento que ninguém quer usar”, sintetiza.

A sinergia entre oferta e demanda, no caso do [Pix](#), dá indícios de estar em compasso ritmado. Em 2021, primeiro ano de seu pleno funcionamento, o [Pix](#) apresentou o maior crescimento entre os meios de pagamento oferecidos na [América Latina](#). No último mês de março de 2022, o total de transações alcançou um novo recorde, com mais de 1,6 bilhão de transações realizadas e mais de 438 milhões de chaves [Pix](#) cadastradas. “Esses números comprovam a eficiência e a aceitação do meio de pagamento, que trouxe conveniência e facilidades para os clientes nas transações financeiras do dia a dia”, avalia **Walter Faria**, diretor adjunto de serviços da **Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN)**.

Transações por Pix seguem em crescimento desde o seu lançamento





Fonte: Banco Central do Brasil

Diante de tamanho crescimento, é inegável que o [Pix](#) se revela como um êxito, “tanto do ponto de vista de adoção quanto de tecnologia”, concorda **Lauro Gonzalez**, pesquisador, professor e coordenador do Centro de Estudos em Microfinanças e Inclusão Financeira da **Fundação Getulio Vargas (FGV)**.

Nem mesmo o crescimento vertiginosamente maior entre pessoas físicas desestabiliza a celebração dos especialistas que acompanham o setor, que foram unânimes em avaliar a adoção como positiva e inovadora. “É importante lembrar que o [Pix](#) é gratuito para pessoas físicas e pode ser tarifado entre pessoas jurídicas. Dessa forma, é natural esperar que o crescimento fosse mais rápido entre os consumidores”, ressalva **Rafaela Nogueira**, economista-chefe da **Zetta**, associação de empresas de tecnologia que atuam no setor financeiro e de meios de pagamento.

[LEIA TAMBÉM: Popular entre os consumidores, PIX ganha espaço como método de pagamento no e-commerce](#)

Além da gratuidade que incentivou as transações P2P (pessoas entre pessoas), o [Pix](#) teve sua estreia em um momento de pico do varejo no [Brasil](#), que a partir de novembro lida com eventos de compras importantes, como a Black Friday e as festas de fim de ano. Isso faria com que qualquer adaptação nos sistemas de [pagamentos](#) para a chegada do [Pix](#) se tornasse um risco muito grande para os negócios, lembra **Ricardo Pandur**, gerente sênior de estratégias e negócios da **Accenture**. “Muitos adquirentes esperaram o início do semestre seguinte, fora do pico de vendas, para começar a fazer seus ajustes”, explica.

Na percepção do especialista da Accenture, que tem acompanhado o avanço de sistemas de [pagamentos](#) instantâneos em países europeus, como o Reino Unido e a Suécia, o [Pix](#) teve uma velocidade de adoção bastante superior à que foi vista em países do hemisfério Norte que adotaram formatos similares. “Foi o meio de pagamento instantâneo que mais cresceu globalmente e já é o segundo maior do mundo em apenas 1,5 ano”, aponta Pandur. O [Pix](#) está atrás apenas da Índia, em termos de número de usuários, e do Reino Unido, considerando o volume transacionado.

A expectativa é que a partir do segundo ano de pleno funcionamento os [pagamentos](#) via [Pix](#) passem a crescer entre lojistas e negócios dos mais diversos portes, conforme estes forem se

adaptando à instantaneidade do [Pix](#). “Existem processos de *backend* [bastidores], como conciliação, liquidação e baixa de estoques, que não estavam adaptadas ao tempo real”, pondera o especialista da Accenture, lembrando do tempo de compensação de cartões de crédito, débito e boleto. Conforme tais processos forem adaptados, maior será o impacto de inclusão financeira e de consumo do [Pix](#).

Um framework de pagamentos com cara de política pública

Mais do que uma proposta inovadora de [pagamentos](#) instantâneos, o [Pix](#) também foi desenhado de modo a funcionar como uma ferramenta de inclusão financeira para os brasileiros, o que faz o framework ganhar contornos de política pública. Segundo Gonzalez, que tem acompanhado o impacto do [Pix](#) no país desde o seu anúncio, isso acontece porque os [pagamentos](#) fazem parte de quatro serviços financeiros considerados importantes para a inclusão financeira, junto com o crédito, a poupança e os seguros. “E existe uma relação entre eles. Basta pensar que com os [pagamentos](#), é possível construir novos modelos de avaliação de risco de crédito, e nesse sentido um modelo como o [Pix](#) pode contribuir no longo prazo para aprimorar soluções de crédito e microcrédito”, explica o professor.

[LEIA TAMBÉM: Yape quer liderar revolução dos pagamentos instantâneos no Peru](#)

É por isso que, na avaliação dele, é razoável dizer que o [Pix](#) acaba tendo efeitos semelhantes ao de uma política pública, já que consegue trazer melhorias para uma parte significativa da população que gastava valores elevados com a realização de [pagamentos](#). “Para quem fazia transações maiores, os custos eram diluídos, mas eram muito altos para quem fazia transações pequenas. Afinal, uma coisa é pagar R\$ 10 para enviar R\$ 5 mil para outra pessoa, e outra completamente diferente é pagar R\$ 10 para enviar R\$ 100”, exemplifica Gonzalez.

A redução dos gastos com custos de transações foi especialmente importante para os beneficiários de programas de transferência de renda, como o Auxílio [Brasil](#) (antigo Bolsa Família). “Os recursos podem ser utilizados com menos custo via [Pix](#), o que tem efeito provavelmente positivo no bem estar da população de baixa renda, já que transações menores caracterizam fortemente o seu cotidiano”, lembra o professor da FGV. Segundo um levantamento da Zetta, a economia em tarifas entre as 90 milhões de contas existentes em suas empresas associadas somaria cerca de R\$ 60 bilhões, o equivalente a 67% do custo do Auxílio [Brasil](#) estimado para 2022.

Além de liberar esses recursos, que deram à essa camada da população um maior poder de compra, o [Pix](#) também promove uma maior bancarização dos brasileiros. Dados recentes mostram que existem cerca de 110 milhões de pessoas com chaves [Pix](#) cadastradas no país, enquanto os números da população com acesso bancário soma algo como 80 milhões de pessoas. “Existe aí uma lacuna de 30 milhões de pessoas usando o [Pix](#) que antes eram consideradas não bancarizadas”, calcula Pandur, citando como explicação da divergência a possibilidade do uso de [Pix](#) não só via contas em bancos, mas também em carteiras digitais.

Parte da dificuldade em acessar bancos tem a ver, mais uma vez, com os custos envolvidos no processo. Em sua [dissertação de mestrado](#) na Fundação Getulio Vargas (FGV), o pesquisador **Arthur Smolarsky** elencou, com base em dados agregados do **Global Findex**, que 58% dos adultos brasileiros desbancarizados diziam não ter conta em banco por “não ter dinheiro para isso”. “Um relatório de 2013 do Banco Mundial indicava que as três razões para que a população latino-americana se mantivesse desbancarizada era 1) não ter dinheiro suficiente, 2) considerar as contas muito caras e 3) não enxergar razão para ter uma conta bancária”, rememora o Smolarsky, reforçando que boa parte das pessoas desbancarizadas costuma viver na economia informal, que tende a lidar mais com dinheiro em espécie e têm menos acesso a meios de pagamento digitais. Tanto que, ainda de acordo com o Global Findex, parte significativa da população brasileira segue pagando suas contas de consumo (como água e luz) em dinheiro, ainda que o percentual venha diminuindo com o passar dos anos, caindo de 61% em 2014 para pouco mais de 40% em 2017.

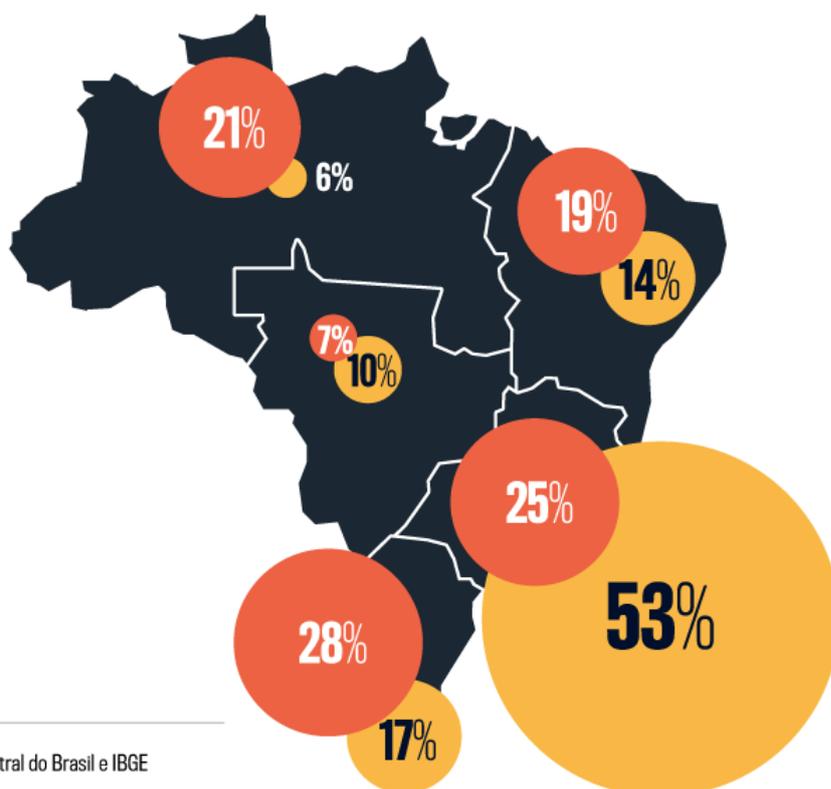
[LEIA TAMBÉM: Organização que representa fintechs, Zetta quer novas regras estilo PIX para agilizar portabilidade de conta salário](#)

Smolarsky ressalta também que as estatísticas indicam que essa população desbancarizada parece ter sido efetivamente atingida pelo **Pix**. “Os dados do BC mostram que o crescimento do **Pix** tem sido maior proporcionalmente entre as classes mais baixas. Para se ter uma ideia, entre todos os segmentos de renda, o avanço do **Pix** ficou na casa dos 52%, enquanto o aumento de usuários de baixa renda foi de 131% na conta pagadora”, destaca o pesquisador, que também julga impactante a capacidade de descentralização do **Pix** nas regiões brasileiras, com forte adoção no Norte e Nordeste, que já respondem por 40% das transações **Pix** do país.

Pix tem especial adesão nas regiões Norte e Nordeste

*em volume total de transações Pix de nov/2020 a dez/2021

- % GDP
- % Pix*



Essa inclusão de quem antes trabalhava mais com dinheiro em espécie fica evidente também em um levantamento recente da Accenture, que verificou que a circulação de dinheiro em espécie no [Brasil](#) tem diminuído, passando de 45% das transações do início de 2021 para cerca de 35% no final do mesmo ano, período no qual o [Pix](#) passou a representar 10% do movimento do mercado.

Inclusão financeira se converte em novo segmento de consumo e benefícios para o e-commerce

Para além da inclusão financeira que ajuda a bancarizar parte significativa da população do país, o [Pix](#) também traz outra inclusão importante: a inclusão do consumo, especialmente em plataformas de compras digitais.

Isso porque o e-commerce brasileiro vinha se apoiando bastante no cartão de crédito como uma das suas principais vias de pagamento para compras online. Quem tinha dificuldades com obtenção de crédito acabava sujeito ao boleto, que tem um formato de compensação mais demorado. “Apesar de todo o inconveniente, o boleto se manteve por muito tempo como uma das únicas formas de muitas pessoas pagarem compras online e representava 20% do share de e-commerce até cinco anos atrás”, contextualiza **Erika Daguani**, vice-presidente de produto do [EBANX](#).

[LEIA TAMBÉM: Smartphones e jogos em nuvem estão no centro da revolução do acesso aos games na América Latina](#)

No entanto, com a chegada de fintechs, novas contas de pagamento, carteiras digitais e, mais recentemente, a oportunidade do uso do [Pix](#), o cenário tem se alterado. “Os novos meios de pagamento começaram a trazer um público mais desbancarizado para o mundo digital”, destaca a executiva.

Esse movimento ficou perceptível nas análises feitas pelo [EBANX](#), que percebeu que entre as mais de 1 milhão de transações [Pix](#) feitas pela sua plataforma no último trimestre de 2021, 62% eram de consumidores novos, que não haviam ainda feito compras naquele aplicativo ou site específico naquele ano. Estes novos consumidores somavam quase 40% do volume pago via [Pix](#) naquele trimestre, representando uma média de aumento de 20% do volume de vendas das empresas que adotaram o recebimento via [Pix](#) por meio do [EBANX](#). “O [Pix](#) trouxe uma demanda represada que a gente não sabia que existia. Um público novo, comprando pela primeira vez no e-commerce”, comentou **Wagner Ruiz**, cofundador e Chief Risk Officer do [EBANX](#) no relatório **Beyond Borders 2022**.

Essas análises, somadas à evidência estatística de que a penetração do [Pix](#) entre os brasileiros é maior do que a do cartão de crédito (51% vs. 25%, segundo dados do **Banco Mundial**) demonstram o potencial do [Pix](#) de alcançar novas camadas demográficas de consumidores, que talvez estivessem distantes das compras online por dificuldades com as formas de realizar seus

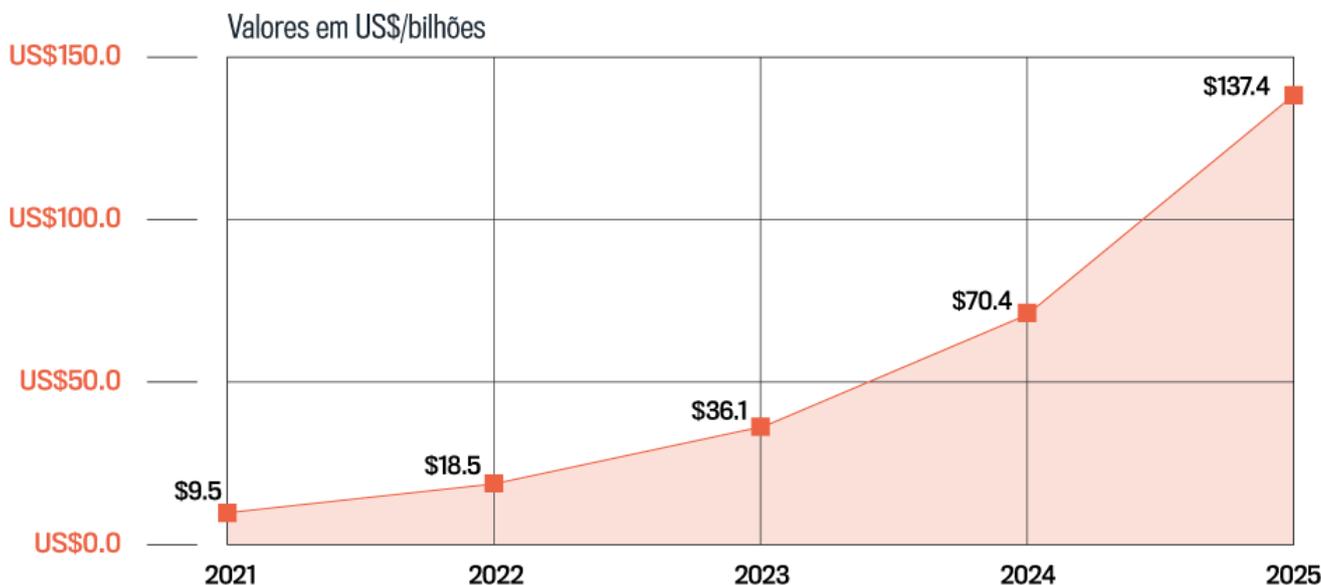
[pagamentos.](#)

E se a chegada de um novo público consumidor já era uma boa notícia para as lojas virtuais, Bragança destaca ainda a vantagem dos lojistas poderem reduzir seus custos logísticos com um formato mais instantâneo. Afinal, quem precisava se sujeitar ao boleto como única via de pagamento online acabava por gerar uma logística complicada para os negócios, que precisam imobilizar seus estoques por dois, três ou até 10 dias para conseguir atender o pedido “boletado” pelos consumidores. “A liquidação instantânea simplifica as cadeias logísticas e permite que os custos do comércio eletrônico sejam menores, o que também impulsiona o setor”, aponta o consultor da Roland Berger.

[LEIA TAMBÉM: Do open banking à revolução das fintechs](#)

Não é à toa que a previsão para os próximos anos é que o [Pix](#) tenha um uso exponencial no e-commerce, crescendo a uma média de 95% ao ano até 2024, quando poderá representar quase 10% do volume total de compras online no [Brasil](#), segundo estimativas da consultoria **Americas Market Intelligence (AMI)**.

Volume de transações Pix no e-commerce brasileiro deve dobrar a cada ano até 2025



Fonte: AMI (American Marketing Intelligence)

Por mais inovador e revolucionário que seja, o [Pix](#) não foi um passe de mágicas criado e executado exclusivamente pelo Banco Central. A sua criação envolveu uma série de passos pequenos e incrementais ao longo das últimas décadas, com a colaboração dos principais stakeholders do sistema financeiro do país, que estiveram trabalhando juntos para chegar a acordos que se

transformaram em relatórios, resoluções, recomendações e leis que abriram o espaço necessário para que o [Pix](#) se transformasse nesse sucesso.

*

Essa é a primeira matéria de uma série especial sobre a Revolução do Pix. [Clique aqui para ler a segunda matéria da série](#), que conta um pouco mais sobre como o Pix foi criado, a partir de uma colaboração inédita entre os principais representantes do mercado financeiro do país.